



52-2.498
BIBLIOTECA NACIONAL
S. L. R.

REDACÇÃO, 70 RUA DO OUVIDOR 70

NAO MAIS FEBRE AMARELA!

ESTÁ DESCOBERTO O BICHO



Graças ao Sr. Guery está descoberto o mal e o meio de o evitar. É um bicho, e o tigre dos Coleopteros, diz elle que é muitissimo lindo, muda mais vezes de casca que um politico, e tem todo esse trabalho para occupar o nosso rico corpinho, salve seja. Descobriu o Sr. Guery uma cousa nova contra o coleoptero, é... a camphora. Bem enfrascadinhos n'este preservativo podemos caçar o bicho nas preciosas lagôas que existem em quasi todas as ruas da cidade e não só matar o bicho, mas pescar tambem, fazer alegres pic-nics e passear em gondola etc. São muito commodos os bonds para estas diversões. Vejam se a Illustrissima camara tivesse esgotado essas aguas serenas, não teriamos hoje este prazer novo veneziano. Julga-se que emburrarão muito com esta descoberta os Srs. José Bento e o Conde dos enterros. Por isso, meus senhores—á camphora e depois ao Bicho.

(Vide o GLOBO! artigo do Sr Guery.)

BORDALLO PINHEIRO



Agradecemos a offerta de exemplares das seguintes publicações que nos foram bondosamente enviados:

Ao SR J. M. D'ALMEIDA—o 3º volume das *Conferencias Populares*, que entre outras de muito interesse litterario e scientifico, contem o espirituoso discurso do Sr Dr Felicio dos Santos contra as tolices e exageros das modas.

AOS SRS MATTOS, MOREIRA & C., de Lisboa—*O Syllabus Justificado* segundo a theologia, a razão e o bom senso, por um presbytero hespanhol. Pois, sim Sr, está justificado. Nós vamos já d'aqui metter-nos jesuitas.

AO SR B. L. GARNIER—*O Jornal das Familias* numero correspondente ao corrente mez.

SR D. P.—Grande pandego! anda a armar-nos intriga com o proximo... E nós, basbaques, que cahimos como uns patinhos!...

SR SERTANEJO—O seu conselho é bom, vamos segui-o. Quanto ao nosso amor pela centralisação, quem lhe mettu essa na cabeça?

SR CHICO—Mas, homem de Deus, quem diz o contrario d'isso? Em todo o caso, por termos feito uma asneira não se segue que tenhamos a obrigação de continuar a fazer asneiras Não acha?

SR A. B. C.—Aprenda a conhecer-se.

PONTOS NOS I I

Alguns amigos do Sr Dr Thomaz Coelho e meus, dirigiram-se a mim pedindo-me para declarar se n'um artigo publicado no *Mosquito* com a assignatura *Mestre Nicacio*, havia uma intenção, que algumas pessoas lhe davam, offensiva á honra d'aquelle Sr. Asseverei-lhes logo que tal intenção por fórma alguma poderia existir desde que nenhum fundamento havia para ella; e pedindo a um d'esses cavalheiros para fazer a nossa apresentação, tive occasião de repetir ao Sr Dr Thomaz Coelho as minhas palavras, a que devo agora juntar os seguintes topicos de uma carta que me dirigiu o meu amigo auctor d'aquelle escripto:

«... Não o conheço pessoalmente (o Dr), nem sei de cousa que lhe abale os creditos... O que eu tinha em mente dizer é que a guerra que ultimamente se lhe moveu não lhe podia importar serio prejuizo, pois pouco valem os exiguos vencimentos policiaes aquem dispõe de fortuna pessoal independente, nem poderia affectar seriamente a perda do cargo que exerce na repartição da policia a quem exerce outros de confiança publica.»

Aclarada esta questão, devo em consciencia declarar que julgo ter ganho com ella—travando relações com o Sr Dr Thomaz Coelho.

M. CARNEIRO.

FABULA INSTANTANEA

MORRER POR TER dado o cavaco

Preterido um major cuja fama no Prata
em sangue escorre,
tomba e nem diz, sequer; ai!

Quem com ferro mata
com ferro morre.

BOB.

ASYLO DOS MENDIGOS

Quando tivemos conhecimento de que se ia construir um edificio, para recolher os pobres mendigos, mesmo á beirinha do canal do Mangue, dissemos logo: «lá leva o diabo todos os desgraçados, que estão recolhidos no velho Asylo!!»

Os que não morressem das exhalações d'aquelle historico mangue, *esticavam o pernil* com uma *architecturite aguda*—por que, assim como as comidas finas, em estomagos grossos, produzem indigestão certa—assim tambem as sumptuosidades do novo edificio depressa deviam dar conta d'aquelles infelizes, habituados a uma atmospherá, a um tempo—de cisterna e cloaca!!

Mas não senhor; a folha official encarrega-se de nos explicar que o novo asylo, é apenas uma succursal da correcção e dará guarida aos mendigos validos, para os morigerar e habituar ao trabalho.

A idéa é soberanamente moralisadora; mas parece que em nenhum paiz do mundo ainda se adoptou chamar a uma casa de correcção—asylo de mendigos!!

Senão vejamos:

O que quer dizer a palavra mendigo?

Mendigo é o *mendicus* do latim e parece derivar de *mando*, comer, e de *egeo, ere, carecer*!!

Mendigo é pois o que carece de comer.

A primeira idéa que esta significação faz accudir ao espirito, é que: se o asylo é para mendigos—e se mendigos são os que carecem de comer—estão lá cahidos no asylo os politicos cá da terra que são, com franqueza, os que em geral mais patenteam a necessidade de comer!

Mas, com mais detido exame, tambem parece inverosimil que precise ir comer lá dentro d'um asylo, quem tanto come cá por fóra!

Visto que pelo estudo etymologico da palavra *mendigo* não chegamos a uma conclusão satisfactoria, procuremos mais aproximada explicação, na palavra «mendigar».

O que significa mendigar?

Méndigar vem de *manus*, mão e *dico* gr. *dikô*, lançar.

Logo: mendigar é lançar a mão a qualquer objecto!

Ora d'esta especie de mendigos está cheio o Rio de Janeiro, onde, por uma deshumanidade sem exemplo, geralmente lhe chamam gatunos.

Simples resultado da falta de conhecimentos linguisticos!!

Temos pois já apurados, para entrar no asylo: os que carecem de comer—que denominaremos *mendigos politicos*; e os que mendigam lançando a mão aos objectos que encontram—que chamaremos: *mendigos gatunos*!

O edificio, pelo que já se vai vendo, precisa de ter as dimensões do palacio do Escorial!

Vejamos ainda quaes são os que o *Diario Official* considera como competentes para entrar no novo asylo?

Os mendigos válidos.

Os que imploram a caridade publica, podendo manusear a enchada—os que appellam para os sentimentos philanthropicos do seu semelhante, podendo, nos hombros robustos, carregar pesados fardos—os que podem, do trabalho, colher meios de subsistencia, e andam na rua explorando, com a ociosidade, o dó e a compaixão dos habitantes d'esta capital!

Ora, se mendigos válidos são os que pedem sem necessidade, mettam tambem lá: a Caixa de Socorros de D. Pedro V—os deputados, quando mendigam os votos—a commissão para erigir um monumento ao Marquez de Sá da Bandeira—os escriptores, que pedem nos prefaciolar a benevolencia dos leitores—os oradores sagrados, que se recommendam á complacencia do auditorio, etc., etc!

Todos estes pedem como cegos, e quando está provado que possuem todos os olhos que a natureza destinou ao corpo humano, e dos quaes se servem com muito tacto e proficiencia!

A esmolla, na verdadeira accepção da palavra, não é uma permuta.

A esmolla suppõe a offerta de um individuo sem que por ella receba de outro, genero ou compensação.

Assim, os pequenos da harpa não pedem esmolla, porque dão pelo dinheiro uma *gaitada* áquelle que lh'o deu—o signatario das grandes subscripções não dá tambem uma esmolla, porque, pela quantia que subscreve, receberá uma commenda ou um baronato, — finalmente não esmolla todo aquelle que, pelo dinheiro que recebe, dá em troca uma coisa qualquer; nem tão pouco faz esmollas, quem, pela quantia que dá, recebe honras, titulos e veneras!

Mas se não consideramos esmollas as que são meramente permutas, por anthitese, entendemos naturalmente que esmollam todos os que, pelo dinheiro que recebem, não prestam serviço ou compensação.

O empregado publico, que come a fatia do orçamento e que não vai á repartição recebe uma esmolla—assim como a recebem: os officiaes de marinha que não marinham; os marechaes que não marcham; os brigadeiros que não brigam; os commandantes que não commandam e os fiscaes que não fiscalisam.

Esses sim! São mendigos válidos; e, sem embargo nem remissão, é arrumar com elles no novo asylo.

Como estes constituem porém nove decimos da população do Rio de Janeiro, vêr-se-ha que já não chega o Escorial nem mesmo o palacio de Philadelphia.

E' apenas para o outro decimo da população, que ficam fechadas as portas do novo asylo; porque asylo quer dizer: refugio, abrigo, amparo, protecção e immunidadade.

E' verdade tambem que essa decima parte representa apenas—os mendigos invalidos!

A. RIANCHO.

CASTANHA

Estalou-lhe a castanha na boca—*Rifão antigo.*

Castanha, des que te vi,
só em te ver tenho gosto;
castanha, tu tens-me posto
mesmo doidinho por ti.
Castanha que a todas ganhas
tu és a flôr das castanhas!

Eu fiquei como macaco
que metteu mão em combuca.
Vão vêr que eu proprio attaco
inda umas duchas na nuca...
Ando mesmo um toleirão,
Castanha do Maranhão.

Penso em ti, penso em ti só.
Não sei o que digo e faço.
Tu prendeste-me no laço
e vais apertando o nó.
Quem dera contra essas manhas
um quebra-nós... p'ra castanhas!

Ando, mecho, volto e viro
mas em vão aguço o dente,
ó castanha que eu prefiro,
Castanha gostosa e quente!
Se estalasses na mão
Castanha do Maranhão!

Castanha, não sejas má!
Castanha, não sejas dura!
Fizeste o mal, faz a cura...
Castanha, ladrão, vem cá!
Este amor não é patranha,
não é *maranhão*, castanha.

Bob.

GALERIA THEATRAL

(QUARTA SERIE)

RETRATOS, ESBOÇOS E RESTAURAÇÕES

XIII

AS DUAS HELENAS

Ambas louras, ambas claras, rosadas ambas, parecem irmãs.

Não fosse uma tão gorda, tão magra a outra, e asseverar-se-hia que eram original e cópia.

Em todo o caso, pôde-se dizer que a Sra Helena Balsemão é a Sra Helena Cavalier olhada atravez de um vidro de augmento.

Como a Sra Helena Cavalier é a outra Helena vista com o binoculo voltado.

A Sra Helena Cavalier é uma redução da Sra Helena Balsemão; a Sra Helena Balsemão é a Sra Helena Cavalier em photographia augmentada na machina solar.

A Sra Helena Cavalier é pintada com pincel fino, de marta.

A Sra Helena Balsemão é feita a brocha de scenographo.

Na primeira empregou-se o carmim e o alvaiade; na ultima foi o zarcão e a cal.

Para os cabellos d'aquella usou-se do jald e do ouro francez; para



Todos sabiam que pai Pin tinha olho, não só acordado, mas tambem a dormir (1/2 olho); que era mais precidente que Javert, mas saqaz que Rocamboie mais habil, muito mais habil que o habil policia Antunes!!! Todos sabiam isso. S. Exc. porém, não lhe bastavam já estas glorias ás suas ambições, e então quiz provar-nos que era todas essas coisas... e mais... Dr Pin—Tribunal-do-Commercio, e em cima—mulher que deita cartas (em vez de cartas deitou relatorio), o que vem a dar no mesmo). Este parto precioso foi resultado de um pesadelo enorme que S. Exc. teve. Sonhava o Dr Pin com notas falsas ao mesmo tempo que umas visinhas, d'aquellas que nunca nos abandonam tocavam ao piano e em muito mas notas, a aria do 1º acto do Barbeiro de Sevilha—Figaro quá, Figaro lá, son il factotum della citta. E escreveu sonhando sempre o relatorio para esta musica. Os admiradores de Pin correram immediatamente a fazel-o apparecer em todos os periodicos—Infelizmente foi publicado sem a musica. E' bonito, mas sem ella!... Dr Pin ficou zangado, porque estava sonhando. S. Exc. quando está acordado tem muito bom senso, dizem, eu não sei. Não havia remedio senão ficar como as glorias d'aquelle romance de Gaboriau ou Ponson du Terrail—Dr Pin tem muito pendor para este terrivel genero de litteratura que faz tremer as cozinheiras.

A Sra Helena Cavalier tomou a si todos os ossos; a Sra Balsemão arrecadou toda a carne, toda a gordura, todas as banhas e todos os sêbos.

A primeira é uma gemma de ovo; a segunda não é a gemma de um ovo, é um ovo de duas gemmas.

Ou então é uma óva.

Só os nervos couberam a ambas em igualdade de porção.

Unicamente os nervos da Sra Cavalier são nervos tezos, e os da Sra Balsemão são nervos frouxos.

A Sra Cavalier é um bandolim com as cordas retezadas.

A Sra Balsemão é uma viola de cordas bambas.

Aquella é uma espiga de trigo; esta é uma espiga de milho.

As duas são duas espigas.

Não obstante a gordura, a Sra Helena Balsemão é mais nova do que a Sra Helena Cavalier.

Aquella começava a mamar quando as tropas de Junot penetraram no Porto; esta viu as estrellas quando Napoleão entrou em Barcelona.

Antigamente na Grecia dizia-se que Páris buscava Helena. Hoje, nos nossos theatros, temos as Helenas aos pares.

Não obstante esse contacto, destacam-se perfeitamente no theatro:

Uma é ingenua; a outra é... a outra.

A Sra Helena Cavalier mette-se no seu papel.

A Sra Helena Balsemão mette o seu papel em si.

Não é questão de intelligencia nem de arte; é questão de capacidade, de mais bôjo ou menos bôjo.

A Sra Helena Cavalier já uma vez engordou.

Não deu-se bem com a pelle esticada, e metteu-se de novo nas encolhas.

Por seu turno emmagreceu a Sra Helena Balsemão.

Ficou com as pelles bambas e balôfas, e então tornou a inchar.

São, pois, como se vê, duas figuras do mesmo genero.

Tendo ambas moldura igual, podem figurar na mesma sala.

No theatro já figuram.

E quando figuram, desfiguram-se.

Então é que é vél-as.

Na *Morgadilha de Valflôr*, por exemplo, a Sra Helena Cavalier, de tão desfigurada que fica, fica parecendo o Luiz Fernandes.

E' talvez pelas botas em que se mette.

Na *Jarra quebrada* a Sra Helena Balsemão desfigura-se por tal modo que o espectador chega a persuadir-se que a jarra é ella.

E' por ser bojuda talvez.

Como genero artistico, fazem ambas os papeis de galãs.

Mas tão louras são ellas e tão douradilhas, que melhor passariam por galões.

GRYPHUS.

RETOQUE.—A Sra Helena Cavalier declara que, por haver outra de igual jaez, vai tingir de preto os seus cabellos.

Declara a Sra Helena Balsemão que, para evitar confusões, tambem tingirá de louro as pestauas.

G.



Que a confiança, alem de varias outras concomitancias, é a mais bella prerogativa dos imbecis, isso ninguem me venha dizer que não.

Todas as vezes que leio a derradeira falla do throno, fico archi-convencido de que as nossas relações com a vizinhança não offercem motivo senão para andarmos pelas ruas aos abraços e parabens uns aos outros.

Pois fiem-se n'isso. Os nossos vizinhos do Perú, segundo diz a letra da *Gazeta*, estão a querer jogar as cristas conosco, pela razão de que as nossas embarcações de commercio andam a saracotear-se pelos seus rios como nós por nossa casa.

As minhas relações com o Perú são puramente ceremoniosas. Não tenho contra elle prevenção nenhuma, assim como tambem não tenho enthusiasmo. Quanto ao conhecimento do facto, sei apenas o que disse o telegramma de Pernambuco.

Mas, se me põho a recordar do que nós temos feito no Prata, fico todo propenso a crêr que se os peruanos nos vierem armar uma desordem, não ha de ser pelo que fez o Santo Padre.

A grande desgraça d'essas cousas é que são os pequenos, o povinho, quem as paga.

Os que mandaram ao açougue do Paraguay cem mil homens e não sei quantos mil contos, esses andam por ahi, descansados da sua vida, como se nada jámais tivesse havido com elles. Se, na fórma do louvavel costume, os nossos diplomatas nos arranjarem uma bôa guerra com o Perú, quem com isso não ha de perder nada bem sei eu.

Oh! a tal diplomacia! Custa-nos caro mas, em compensação, não presta para nada.

Se a agua de Lourdes não estivesse provando tão mal era caso de lh'a applicar. Mas, que esperanza! Quando ella não tem servido para livrar do quebranto as proprias folhas clericas, quanto mais os papelões agaloados da secretaria dos estrangeiros!

Em S. Paulo tem ultimamente nascido folhas que é um louvar a Deus de cócoras. E a *Ordem*, que era assim uma especie de *sub-Apostolo*, aproveitando a occasião, morre á mingua!

Se n'este facto não estivesse bem patente que a Divina Providencia quiz premiar os merecimentos d'aquelle periodico como já anteriormente fizera ao fogueteiro de Mariana, com franqueza era para se perder a fé na tal benta aguita, e no sentimento religioso das populações.

A' vista d'isto não admira que haja quem zombe dos padres e se dedique a mais serios e graves assumptos. O *mano Felipe* por exemplo, para variar o massapão das sextas-feiras, anda agora a armar um throno para lhe pôr em cima, á guisa de Sant'Antoninho de barro, a empreza Richard.

Como as cousas são! Nós todos a julgarmos que .. e afinal é justamente o contrario. O serviço é bom, os inspectores é que são ruins.

Pau de lorangeira!

Eu é que volto á minha idéa, pagar-lhes os serviços em notas falsas.

Tonto mais que, estando em grande maioria as falsas, segundo todas as probabilidades, não tarda que passem a ser ellas as verdadeiras.

Tambem, a differença é de não serem tão bem feitas: quando o valer, ainda assim os nickeis de tostão valem alguma cousa mais, que em caso de necessidade cobertos de seda preta servem para botões de casaco.

O que vale é que somos um « povo muito rico » Temos notas de todas as côres e tamanhos, temos financeiros como o Sr Rio Branco e o Sr Cotegipe, e temos o recurso de ir—de vez em quando—ao prego.

Nós hoje em dia estamos muito bem.

BOB.

EXPEDIENTE DA ADMINISTRAÇÃO

SR C. J. S. SANTIAGO JUNIOR—
Recebemos. Agradecemos.

—
SR R. MAGALHÃES—Concordamos.
A pessoa a quem se refere falleceu antes
de prestar contas.

REVISTA DE HORTICULTURA

jornal illustrado dedicado aos jardins ;
assigna-se por 6\$000 annuaes para a côrte,
e 7\$000 para as provincias, em casa do
Sr Oliveira Real, rua do Hospicio 5 A,
na livraria dos Srs E. & H. Laemmert,
Ouvidor 66, ou remettendo a importancia,
em carta registrada, a F. Albuquerque,
caixa do correio 418.

TODOS OS SANTOS

O DR LACERDA COUTINHO, medico,
dá consultas na sua residencia, á rua do
Visconde de Tocantins, esquina da do Ge-
tulio, das 8 ás 9 horas da manhã e das
5 ás 7 da tarde, gratuitas para os pobres.
Recebe chamados por escripto a qualquer
hora.

Facilitar a leitura é a grande vantagem das publicações periodicas, que sendo tiradas a grande numero de exemplares, cuja circulação se faz rapidamente, levam decidida vantagem ao livro. Mas para pôr essas publicações ao alcance de todas as posses, é mister que os preços d'ellas sejam modicos, e é n'esse intuito que fizeram a sua combinação as administrações dos seguintes periodicos:

GAZETA DE NOTICIAS

FOLHA NOTICIOSA E COM-
MERCIAL

PUBLICA TODOS OS DIAS

Telegrammas, noticias locaes,
estrangeiras, maritimas e com-
merciaes, preços correntes, fo-
lhets artisticos e litterarios,
artigos de utilidade publica, e
em folhetim o romance tão afa-
mado

Rocambole

Pela combinação já dita, as pessoas que subscreverem duas ou mais das quatro publicações na forma exarada na tabella abaixo, terão consideraveis abatimentos.

				14\$ em lugar de 17\$ na Côrte	16\$ em lugar de 20\$ nas provincias
Saison	12 mezes e Mosquito	3 mezes	14\$	17\$	20\$
»	»	6 »	17\$	21\$	25\$
»	»	12 »	23\$	28\$	34\$
»	»	3 »	12\$	15\$	18\$
»	»	6 »	15\$	18\$	22\$
»	»	12 »	20\$	24\$	30\$
Leitura	12 mezes e Mosquito	3 mezes	11\$	13\$	16\$
»	»	6 »	14\$	17\$	21\$
»	»	12 »	20\$	24\$	30\$
»	»	3 »	9\$	11\$	14\$
»	»	6 »	12\$	14\$	18\$
»	»	12 »	16\$	20\$	26\$
Saison, Leitura (12 mezes) Gazeta	3 mezes	19\$	23\$	28\$	32\$
»	6 »	21\$	26\$	32\$	36\$
»	12 »	26\$	32\$	39\$	44\$
Saison, Leitura (12 mezes) Mosquito	3 »	20\$	25\$	28\$	35\$
»	6 »	24\$	29\$	36\$	44\$
»	12 »	29\$	36\$	40\$	50\$
Leitura, Gazeta e Mosquito	12 »	29\$	36\$	40\$	50\$
Saison, Gazeta e Mosquito	12 »	32\$	40\$	48\$	60\$

As quatro folhas por um anno 39\$ em vez de 48\$ na Côrte e 48\$ em vez de 60\$ nas provincias

GAZETA DE NOTICIAS

LA SAISON

LEITURA DO DOMINGO

MOSQUITO

	CORTE	PROVS.		CORTE	PROVS.		CORTE	PROVS.		CORTE	PROVS.
Trimestre..	3\$000	4\$000							Trimestre..	5\$000	6\$000
Semestre...	6\$000	8\$000							Semestre...	9\$000	11\$000
Anno.....	12\$000	16\$000	Anno.....	12\$000	14\$000	Anno.....	8\$000	10\$000	Anno.....	16\$000	20\$000

AVULSO 40 rs.

AVULSO 1\$000

AVULSO 200 rs.

AVULSO 200 rs.

Para gozar d'essas vantagens dirigir os pedidos directamente a

Carneiro, Mendes & C.

Lombaerts & C.

Carneiro & C.

70 RUA DO OUVIDOR 70

7 RUA DOS OURIVES 7

70 RUA DO OUVIDOR 70

IMPERIAL

FABRICA

A VAPOR

DE CALÇADOS

SYSTEMA DE PARAFUZOS

CA. CATANIARD

Grande ARMAZEM DE
COURO DE TODAS AS QUALIDADES



RUA DA QUITANDA 9

PARA